

Uma abordagem para se aproximar do Supereu¹:

Exercício de (re)conhecimento

Ao iniciar esse cartel, confesso que nada sabia do tema, tanto do que viria a ser essa formação lacaniana do cartel, como da temática teórica do gozo e do supereu. Nunca havia, pelo menos numa tentativa sistematicamente organizada e compromissada, estudado psicanálise.

Hoje, colocada nesse desafio por mim mesma, posso observar sob uma perspectiva reveladora que eu sabia algo do Gozo e do supereu. Porque o tema falava comigo, reverberava e ecoava... O reconhecimento estava, recorrentemente, presente, pois, eu, de algum modo, já tinha certa familiaridade com as vozes do supereu: vozes insistentes.

Esse fato, nesse momento, talvez seja irrelevante, até porque imagino que todos aqui, psicanalistas ou estudiosos muito mais vividos na teoria psicanalítica do que eu, gostariam de ouvir intervenções elucidativas e geniosas sobre o que é essa instância que estamos a perscrutar no cartel.

Porém, já decepcionando parte dessa expectativa (e já dando sinais do supereu), diante de minhas próprias limitações e do pouco tempo ainda dedicado a um estudo teórico mais aprofundado, usarei o único recurso que tenho no presente: a minha experiência e vivências com o cartel e outras referências. De algum modo, acredito que fazendo esse movimento simples e desprezioso (será novamente o supereu?), parte dessa instância emergirá, pois parte de nós ela é. Bebendo das fontes da filosofia, novo universo no qual também sou neófito, me parece que a aposta é expor uma questão se expondo a ela, como dito de modo semelhante por palavras de Jean-François Lyotard².

E o primeiro exercício de (re)conhecimento foi se deparar com as imagens que Martha no apresenta para caracterizar e se aproximar do supereu. São imagens fortes e paradoxais, mas parte de todos nós. Somos esse paradoxo. É ele que nos constitui e, se

¹ Gerez-Ambertín, Marta. *As vozes do supereu na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

² Originalmente: "*Não se pode expor uma questão, sem se expor a ela*". Lyotard, Jean-François. *O curso filosófico* (mimeo). [original "Le cours philosophique"]. In: Derrida, J. et. Allii. *La grève des philosophes*. Paris: Osiris, 1986.

o chamamos de estrutura, é porque, de certo modo, nos mantêm de pé. Somos essas imagens.

Para nos apresentar a essa imagem multifacetada, Martha discorre sobre inúmeros termos para descrever o supereu. Pensando nesses termos como imagens de uma essência que se quer conhecer – assim como Sócrates, em seus diálogos –, a apresentação dessas imagens do supereu podem não ser suficientes para que se conheça a sua verdadeira essência, mas, no mínimo, formarão uma representação a ser trabalhada e discutida.

Vale lembrar que essas imagens ora compartilhadas são limitadas pelo fato de que apresentam tão somente as imagens freudianas do supereu, tendo em vista que a abordagem lacaniana da instância foi lida apenas recentemente pelo cartel, mais precisamente em seu capítulo XII, e não será objeto dessa contribuição.

Feita essa delimitação, associada à própria declaração da autora em seu prefácio de que ela não pretende, neste livro, chegar a uma teoria definitiva do supereu, é possível iniciar um exercício de (re)conhecimento dessas imagens e representações.

Mas não tão tranquilas são as imagens do supereu que Martha nos apresenta. A própria autora se refere a ele como “Arsenal nuclear”. É, no mínimo, intrigante pensar nessa instância como uma estrutura tão poderosa e onipresente na vida do sujeito. O supereu surge no “mais normal dos sujeitos”, promovendo um “esquartejamento” dele. As palavras de Martha tentam nos mostrar essa imagem impiedosa do supereu, formando um léxico próprio desenvolvido ao longo do texto para falar o idioma tão misterioso da “instância catabólica”: aniquilamento, dilaceração, mandato impossível de gozo, culpa muda, sacrifício, parricídio...

Essas dilacerações podem ser observadas em vários comportamentos, colecionados dos textos de Freud que Martha esquadrinha para captar as diversas manifestações do supereu: compulsões irrefreáveis, coerções inexplicáveis, práticas autodestrutivas silenciosas ou estrepitosas, estrondosos fracassos como resposta ao êxito, estranhas pioras em momentos de franca melhora, crimes sem motivação, obediências masoquistas, ‘traços de caráter’ indeléveis, ato expiatórios e sacrificiais ligadas a culpas infundadas, delitos cometidos para obter castigo que apaziguem obscuras culpas e covardia moral.

Martha nos diz que o supereu é essa instância que nos corrói, que impele o sujeito ao gozo. Sendo resto e resíduo não é metabolizado, não é digerido, é catabólico, diz respeito à degradação da substância-sujeito. É observador voraz e onipresente que exige do sujeito o impossível, é poder de si sobre si, instância interna e estrangeira. É observador invisível e, ao mesmo tempo, internalizado no sujeito, nos lembrando do modelo estudado por Foucault: seria o supereu o vigia da torre na arquitetura disciplinar do Panóptico? Nas palavras de Foucault (2008, p. 168): *“Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição.”*³

Somos a manifestação dessa instância e, mesmo que o desejo circule, ele ainda vive dentro de nós. Vive como marca, cunhagem deixada pelas identificações, intrusões, a linguagem e a lei. Não há como fugir. É constitutiva e, por essa perspectiva, integra a nossa essência. A essência do sujeito parece ser, então, paradoxal.

O homem, em toda a sua história, parece, insistentemente, se debater com sua constituição paradoxal, com suas curvas e nós, com seus desejos e gozos, buscando sempre uma ascese que o retire desse lugar tão... humano. Curiosamente, muitos filósofos se assombraram com o homem e seus apetites, supondo, então, que o divino, o perfeito e o verdadeiro estivesse tão somente num afastamento de sua condição humana. Nussbaum (2009, p. 174)⁴, analisando a obra “O Banquete” de Platão, nos fala sobre a filosofia de Sócrates: *“(...) não é plenamente humana; mas temos pavor da humanidade e daquilo a que ela conduz.”*

Passando do individual ao todo, apesar de Martha nos lembrar que não existe supereu coletivo, é instigante pensar que esse funcionamento individual possa ser percebido em outros lugares, nos nossos sistemas sociais, econômicos, políticos e culturais, como se o homem só conseguisse produzir um mundo à sua imagem e semelhança. Seu repertório é esse: mundo catabólico e de mandatos impossíveis.

³ Foucault, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. 35ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

⁴ Nussbaum, Martha. A fala de Alcibíades: uma leitura do Banquete. In: Nussbaum, Martha. *A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. Tradução Ana Aguiar Cotrim; revisão da tradução Aníbal Mari. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.